

FONOAUDIOLOGIA E PEDAGOGIA: UM ENCONTRO NECESSÁRIO

MÔNICA PEREIRA DE OLIVEIRA

RESUMO

OLIVEIRA, Mônica Pereira de. Fonoaudiologia e Pedagogia: um encontro necessário. 2011. 22 f. Faculdade Araguaia, Goiânia-GO.

O objetivo desta pesquisa foi verificar os efeitos de um Curso de Extensão Universitária intitulado “Aspectos Fonoaudiológicos no Processo Ensino e Aprendizagem” para discentes do curso de Pedagogia da Faculdade Araguaia, na cidade de Goiânia, no estado de Goiás.. A trajetória metodológica utilizada nesta pesquisa seguiu a perspectiva da pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação. Como instrumento de coleta de dados utilizamos o questionário e a análise dos mesmos seguiu uma proposta qualitativa de natureza descritiva, na busca de núcleos de sentido e subtemas. Os resultados da pesquisa mostram o quanto que os aspectos fonoaudiológicos são importantes no processo ensino e aprendizagem aplicados na formação inicial do professor da educação infantil e ensino fundamental; apontam para uma mudança de concepção do professor com relação à linguagem, voz, motricidade oral e audição da criança, possibilitando a busca de informações e troca de experiências com perspectivas de crescimento e atualização profissional. Fica aqui registrada a importância da inserção de um programa de formação sobre a comunicação na matriz curricular dos cursos de Pedagogia.

Palavras-chave: Fonoaudiologia; Pedagogia; Comunicação; Formação; Prevenção.

1 INTRODUÇÃO

A Fonoaudiologia educacional preventiva por meio da triagem, orientação a pais e professores e participação no planejamento escolar, visa atingir objetivos de caráter preventivo em relação ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita, voz e audição (GIROTO, 1999; LAGROTA; CÉSAR, 1997). Portanto, o trabalho fonoaudiológico nas

escolas de educação infantil e ensino fundamental é de suma importância para que o aluno não tenha seu aprendizado limitado por distúrbios na comunicação. Mas, após estudos e

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

experiências junto a várias instituições educacionais públicas, privadas e filantrópicas pudemos perceber que o professor pode ter, na sua formação inicial, mais assuntos e temas relacionados à comunicação e seus possíveis distúrbios e o foco do trabalho fonoaudiológico preventivo escolar redimensionado, isto é, no lugar de ser dirigido primeiramente à criança, dirigí-lo ao discente de pedagogia.

Collares e Moysés (1996) e Lacerda et al. (1991) relatam que a formação deficitária do educador apresenta pouco ou nenhum espaço para discussões de áreas afins, uma tecnização geral do ensino, a tendência a patologização e a desinformação no que se refere ao desenvolvimento infantil como um todo são pontos com os quais nos deparamos frequentemente no cotidiano escolar.

Collares e Moysés (1996) acrescentam que “a estigmatização e o rótulo causam consequências emocionais extremamente negativas à criança, pois a mesma passa a introjetar uma doença inexistente”. Neste espaço de conceitos distorcidos, o professor, muitas vezes, lida com a criança que existe em seu imaginário (o mal falante, o doente, o deficiente, o sem solução) e não com a criança real, com suas capacidades e potencialidades.

Consideramos que é preciso modificar a metodologia de atuação multidisciplinar na promoção de saúde escolar, onde os profissionais atuam de forma justaposta (fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo, dentista, entre outros) e passar para uma visão interdisciplinar, na qual a justaposição dos saberes cede lugar à colocação em comum, buscando o desenvolvimento biopsicosocial da criança em idade escolar em regime de cooperação e diálogo (PIRES, 1998).

Sabemos que a interdisciplinaridade dá oportunidade para a construção do conhecimento coletivo nas diferentes áreas do saber.

Pensando em interdisciplinaridade, temos como hipótese que os conhecimentos acumulados em fonoaudiologia podem ser utilizados pelo professor na busca de maiores conhecimentos e, conseqüentemente, melhor qualidade do processo ensino e aprendizagem.

A escola tem por objetivo o ensino do cálculo, das ciências e da linguagem. Com relação a linguagem, ela será ao mesmo tempo, objeto de aprendizagem e meio para garantir a aquisição de outros conhecimentos. Portanto, a linguagem tem uma posição central dentro da educação. A criança precisa aprender a linguagem para por meio dela, aprender (DELORS, 2003).

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Sentimo-nos muito confortáveis e seguras para dizermos que a linguagem, objeto de trabalho do professor para ensino e aprendizagem e do fonoaudiólogo para ser tratada e chegar a um padrão, torna-se personagem principal deste artigo, assumindo um papel importante numa relação de complementaridade entre professor e fonoaudiólogo, entre escola e fonoaudiologia. Daí a importância de instrumentalizar o professor para o trabalho junto às crianças no que se refere à linguagem oral e escrita, voz e audição.

A audição é o principal meio pelo qual a linguagem oral é adquirida. Portanto, é fundamental que haja integridade do sistema auditivo. E o domínio da linguagem oral é um dos pré-requisitos essenciais para abordar a linguagem escrita (AZEVEDO *et. al*, 1995; PEREIRA, 1996).

Um distúrbio da comunicação (deficiência auditiva, distúrbio articulatorio) pode aumentar as dificuldades de aprendizado de uma criança em desenvolvimento. Estes distúrbios quando prevenidos e/ou detectados precocemente, facilitam a conduta dos professores no processo ensino e aprendizagem.

Deste modo, torna-se importante o fonoaudiólogo propiciar um conhecimento mais aprofundado dos aspectos relacionados à comunicação da criança, ajudando o professor a compreender o processo de aprendizado e suas alterações, bem como conhecer recursos diagnósticos tanto para fins de prevenção, como para tratamento (ANDRADE, 1995).

Diante do exposto, temos como objetivo geral nesta pesquisa analisar o conhecimento dos discentes do curso de Pedagogia, sobre a comunicação (linguagem, voz, motricidade oral e audição), antes e após serem submetidos a um programa de formação em aspectos fonoaudiológicos básicos no processo ensino e aprendizagem, por meio de um Curso de Extensão Universitária.

2 METODOLOGIA

2.1. COLETA DE DADOS

A trajetória metodológica utilizada nesta pesquisa seguiu a perspectiva de uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação. No primeiro momento, o pesquisador buscou conhecer /estudar a situação, e no segundo momento, interferir/mudar a situação considerada problemática.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Segundo Chizzotti (1998, p. 100), “a pesquisa-ação se propõe a uma ação deliberada visando uma mudança no mundo real, comprometida com um campo restrito, englobando em um projeto mais geral e submetendo-se a uma disciplina para alcançar os efeitos do conhecimento”.

Desta maneira, no primeiro momento do estudo, tivemos como objetivo levantar os conhecimentos referentes à comunicação, de alunos do curso de Pedagogia. Foi aplicado um questionário (Anexo B), contendo seis questões abertas relacionadas ao tema. Priorizou – se as questões abertas como instrumento de coleta de dados para permitir captar a informação desejada, além de possibilitar ao aluno/ entrevistado, a liberdade e espontaneidade para expressar-se sobre o tema.

O aluno teve um tempo máximo de 30 minutos para responder ao questionário na presença do pesquisador, que explicou cada questão, para facilitar o entendimento de termos técnicos.

Na etapa seguinte, foi oferecido um curso de extensão intitulado “Aspectos Fonoaudiológicos no Processo Ensino e Aprendizagem”, com carga horária de 20 horas /aula, no período de julho a agosto de 2010, ministrado pela pesquisadora através de aulas expositivas e práticas, leitura de material previamente programado, exercícios em grupos e seminários.

Não foi nosso objetivo, neste curso, formar um educador/terapeuta e sim, auxiliá-lo, oferecendo informações no que se referem ao desenvolvimento infantil, assim como os principais distúrbios da comunicação, suas características e manifestações que podem ser observadas em sala de aula e os encaminhamentos à profissionais afins.

Ao término do curso de extensão, os alunos novamente receberam o questionário (Anexo B), para responder as questões, agora com embasamento teórico e prático adquiridos durante o curso.

Antes de participar da pesquisa, os alunos foram informados sobre a mesma e seus objetivos, a seguir receberam o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), que foi lido e depois assinado. Caso o aluno não aceitasse seria automaticamente excluído do estudo.

2.2.POPULAÇÃO DE ESTUDO

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Consistiu de 23 sujeitos/ alunos, adultos de ambos os sexos, na faixa etária de 20 a 49 anos de idade, do curso de Pedagogia, da Faculdade Araguaia, da cidade de Goiânia, do estado de Goiás-GO. Desses 23 sujeitos, oito já eram professores na rede pública e/ou privada da cidade e região.

Esses sujeitos foram identificados por uma letra do alfabeto e suas respostas às questões foram designadas pelo número da questão. E quando citados na análise dos dados, usaremos a seguinte designação:

A1: para o sujeito que respondeu a questão número 1;

A2: para o sujeito que respondeu a questão número 2 e assim sucessivamente.

2.3 ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos com os questionários foram analisados dentro de uma proposta de análise qualitativa de natureza descritiva, ou seja, descrição dos dados da realidade escolhida e delimitada. Os dados contidos no questionário, na primeira etapa da pesquisa, quando os alunos ainda não haviam participado do curso, foram analisados buscando-se identificar o conhecimento prévio que os alunos já possuíam sobre o tema.

Para os dados da segunda etapa da pesquisa, foram seguidos os passos propostos por Gomes (1994), de ordenação dos dados, o que foi realizado através de repetidas leituras dos questionários, classificação dos dados em núcleo de sentido e subtemas. A seguir, realizou-se a análise final, utilizando os fragmentos das respostas dos alunos, estabelecendo-se articulações entre estas e a teoria.

Segundo o autor citado acima, através dessa análise, pode-se encontrar respostas para as questões que foram formuladas e também confirmar as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação.

No decorrer do trabalho de campo, obtivemos um material bastante vasto que não seria possível analisar em toda a sua amplitude para este artigo. Assim, a escolha dos sujeitos para análise das respostas foi baseada no critério de exaustão.

3.DISSCUSSÃO TEÓRICA E RESULTADOS

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Tendo em vista que o objetivo da pesquisa foi analisar o conhecimento de discentes do Curso de Pedagogia sobre a (linguagem, voz, motricidade oral e audição), antes e após serem submetidos a um programa de formação em aspectos fonoaudiológicos básicos no processo ensino e aprendizagem, por meio de um curso de extensão, os resultados do nosso trabalho substanciam a existência de um núcleo de sentido que foi resgatado a partir dos enunciados dos sujeitos da pesquisa, a Comunicação Humana. Evidenciamos dentro deste núcleo de sentido subtemas relacionados à fala, a linguagem, motricidade oral, voz e audição.

Neste núcleo de sentido, optamos por destacar o que os sujeitos/alunos conhecem sobre a comunicação humana e seus distúrbios, antes e após o curso. É importante relatar que no primeiro momento, os sujeitos apresentavam-se com respostas pobres, às vezes incoerentes e incompatíveis, não eram capazes de expressar com clareza o que sabiam sobre a comunicação humana, em parte por desconhecimento, em parte pela complexidade e especificidade do tema.

Assim, houve necessidade de análise cuidadosa para que fosse possível “ler” nas entrelinhas o que exatamente os sujeitos/alunos queriam expressar.

A partir das respostas desse primeiro questionário, foi possível levantar uma série de dados significativos para a análise e ao mesmo tempo, perceber a importância de um programa de formação, por meio de um curso de extensão, com conteúdo programático voltado para estas questões que instrumentalizasse o futuro professor a compreender o quanto os aspectos fonoaudiológicos contribuem de maneira positiva para a formação inicial do professor da educação infantil e/ou ensino fundamental e conseqüentemente, para com o processo ensino e aprendizagem.

No segundo momento, após o curso, as respostas do questionário eram mais elaboradas, coerentes com fundamentação teórica. Podemos observar isso nos enunciados a seguir, para a questão 1 do questionário: **“Quais os distúrbios da comunicação podem ser observados em alunos na sala de aula?”** As respostas foram colocadas em quadros, o que facilita visualizar os dois momentos de avaliação.

ALUNO	ANTES	DEPOIS
-------	-------	--------

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

B1	<i>“Crianças desatentas, com dificuldades de aprendizagem.”</i>	<i>“Distúrbio articulatório, deficiência auditiva, gagueira, respirador oral, disgrafia, dislexia, ceceio e atraso de linguagem.”</i>
G1	<i>“O aluno escuta, mas não entende, fala e escreve errado.”</i>	<i>“Podem ser observados em sala de aula distúrbios como: gagueira,, disfonias, sigmatismo anterior, hábitos orais, entre outros.”</i>
R1	<i>“O aluno disperso, parece que fica no mundo da lua e não aprende.”</i>	<i>“Gagueira, Ceceio, mordida aberta, Dislexia, respiração oral, etc.”.</i>
O1	<i>“Criança lenta; dislexia, TDAH, etc.”.</i>	<i>“Atraso na linguagem, gagueira, desvio fonológico, distúrbio articulatório, dislexia, disgrafia e disortografia.”</i>

Apesar do contato da criança com sua família ser intenso principalmente, nos primeiros anos de vida é, muitas vezes, na escola que vão ser percebidos alguns distúrbios da comunicação. Assim, o professor tem papel fundamental na observação de qualquer alteração no desenvolvimento da criança, principalmente em relação à comunicação.

Dessa maneira é oportuno analisarmos o conhecimento do aluno/sujeito do curso de Pedagogia quanto aos distúrbios da comunicação.

Observando e analisando as enunciações do primeiro questionário torna-se evidente o que Lacerda et al. (1991) afirmaram que a comunicação humana e seus desvios são conteúdos pouco claros para o professor.

Partindo das colocações descritas pelos sujeitos, antes do curso de extensão, podemos observar que os conceitos que mais aparecem são em relação a fala (distúrbio articulatório) e audição periférica. Sendo que os conceitos quanto à voz, linguagem, escrita, audição central e motricidade oral aparecem com menos frequência.

Os sujeitos B1, G1, R1 e O1 usam as expressões sem conhecimento teórico/prático, como por exemplo: “crianças desatentas”; “o aluno disperso”, “parece que fica no mundo da lua”; “fala errado”; “criança lenta”. pois não associam os sintomas ao distúrbio do processamento auditivo, pois é uma patologia frequentemente encontrada em alunos na sala de aula do ensino fundamental, mas infelizmente pouco estudada pelo professor, por isso confundida com distúrbio de aprendizagem, dislexia, hiperatividade e deficiência auditiva periférica.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Já nas colocações após o curso de extensão eles atribuem a uma gama de patologias encontradas frequentemente em escolares. As enunciações após o curso referem-se quanto à importância do papel do professor/observador numa visão mais global das alterações. Considerando o processo de comunicação, os alunos/sujeitos, atribuem nessas colocações as patologias mais comumente encontradas em escolares na sala de aula e que podem interferir de maneira significativa no processo ensino e aprendizagem.

Enfim, partindo das colocações descritas acima, antes do curso, sobre a comunicação, os enunciados desvelaram que cada sujeito, tem seu próprio ponto de vista de acordo com seus conhecimentos e experiências. A partir da interferência da pesquisadora é que os “preconceitos” foram desconstruídos e modificados, as dúvidas sanadas e o conhecimento ampliado, havendo assim, um apropriação do conhecimento por parte dos alunos em relação a comunicação e seus possíveis distúrbios.

Dentro do núcleo de sentido Comunicação Humana, o primeiro subtema é:

3.1 FALA E LINGUAGEM

A capacidade de adquirir a fala e a linguagem é específica do ser humano (VIGOTSKY, 1991; LURIA, 1987; BEE, 1996; PIAGET, 1986). A linguagem é a capacidade de se comunicar e a fala é uma das formas de expressões da linguagem. Como a sala de aula é um dos espaços comunicativos da criança, o professor precisa compreender como a fala é produzida e ter noções da idade em que ocorre cada etapa, para que quando necessário, estimular e/ou encaminhar para o profissional afim.

Sendo assim, optamos por destacar, neste subtema, o que os sujeitos/alunos responderam, antes e após o curso sobre a fala e a linguagem da criança. Para a questão 2 do questionário: **“Todos nós sabemos que ao aprender a falar, a criança apresenta erros de pronúncia e articulação pois dessa maneira, vai se aprimorando até chegar ao modelo adulto de fala. Portanto, devemos nos preocupar se: Aos três anos de idade, a criança... e Após os sete anos..** Encontramos os seguintes enunciados:

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

ALUNO	ANTES	DEPOIS
C2	---	<i>“Aos três anos de idade a criança deve expressar-se com sentenças e indicar partes do corpo humano. Após os sete anos a criança deve saber falar todos os fonemas da língua.”</i>
D2	<i>“Devemos nós preocupar se aos 3 anos de idade a criança gaguejar e aos 7 anos se ela começar a trocar letras.”</i>	<i>“Devemos nós preocupar se a criança não usar adjetivos e verbos irregulares aos três anos de idade. E não falar como o adulto, aos sete anos.”</i>
L2	<i>“Aos 3 anos de idade se a criança gaguejar. Aos 7 anos devemos nos preocupar se a criança escrever errado.”</i>	<i>“Se aos três anos de idade, a criança não apresentar oralidade. Após os 7 anos se ela apresentar dificuldades na fala, precisa encaminhar para o fonoaudiólogo.”</i>
T2	<i>“Aos 3 anos de idade, a criança deve ser corrigida e se necessário encaminhar para o fonoaudiólogo.”</i>	<i>“Devemos nos preocupar se a criança aos 3 anos de idade não estiver justapondo de 3 a 4 palavras numa frase. Após os 7 anos ela precisa estar falando adequadamente, com a linguagem oral semelhante a do adulto.”</i>
X2	<i>“Aos 3 anos de idade pode começar a corrigir a criança se ela estiver falando muito errado.”</i>	<i>“Aos 3 anos de idade a criança tem que falar palavras com os fonemas /p/, /t/, /k/, /b/, /m/, /d/, /g/, /n/, /f/, /v/, /s/, e /z/. Aos 7 anos se ela não estiver falando como o adulto, com o quadro fonêmico íntegro devemos encaminhar para o especialista.”</i>

Podemos observar nos enunciados antes do curso, que uma grande porcentagem dos sujeitos/alunos tem uma desinformação e/ou conceitos distorcidos em relação a esse subtema.

Evidenciamos nas falas dos sujeitos T2 e X2 o enunciado “corrigir a criança” e isto é completamente inadequado, pois nunca devemos corrigir a criança e sim, devolver o modelo correto e sempre que possível expandir os enunciados da criança, aumentando o léxico (ZORZI, 1998).

Os sujeitos D2 e L2 mencionaram que devemos nos preocupar se aos três anos a criança gaguejar. Isso não é correto, pois de acordo com a literatura, as crianças passam por um período de disfluência natural. Isso ocorre por volta dos três anos de idade, porque a criança tem muito a dizer, mas seu domínio sobre os órgãos fonoarticulatórios é insuficiente e seu vocabulário é restrito (ROCHA, 1990; BARBOSA, 1998). Quatro sujeitos não responderam a esta questão antes do curso de extensão.

Devemos nos preocupar se aos três anos de idade, a criança apresentar fala ininteligível e aos sete anos, se ainda apresentar trocas, omissões e/ou distorções

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

articulatórias, pois nesta idade a fala da criança tem que estar compatível com a do adulto (ZORZI, 1998; SANTOS, 1998).

Optamos por colocar mais uma questão dentro do subtema “fala e linguagem” para poder abordar o ritmo e a fluência da fala. Vejamos a seguir o que os alunos/sujeitos responderam na questão 3: **“Qual seria a melhor conduta do professor, no caso deste ter um aluno com alterações no ritmo e fluência de fala (gagueira) na sala de aula?”** Antes e após o curso de extensão.

ALUNO	ANTES	DEPOIS
A3	<i>“A melhor conduta seria o encaminhamento para um fonoaudiólogo.”</i>	<i>“Se uma criança apresentar gagueira, o professor deve ter muita paciência e nunca falar que a criança é gaga.”</i>
M3	<i>“O professor deve procurar um especialista para receber orientações para lidar com esse aluno na sala de aula.”</i>	<i>“Deve ter bastante paciência, não interromper a criança, não corrigir, ou seja, não deixá-la senti-se mal falante.”</i>
P3	<i>“Encaminhar e ajudar a criança corrigindo-o sem constrangi-la.”</i>	<i>“Não corrigir e nem interromper a criança, dar atenção e não rotulá-la.”</i>

Nas colocações sobre a gagueira, antes do curso, é unânime o encaminhamento para o fonoaudiólogo. Cabem aqui algumas considerações a respeito da postura do professor frente ao aluno que apresenta gagueira. É indiscutível a influência dos aspectos afetivos e emocionais neste transtorno. Deste modo, é necessário que o professor esteja atento para essa questão. Não só realizando o encaminhamento para profissionais afins, mas fazer o que os alunos /sujeitos responderam após o curso, de acordo com a literatura: ter paciência, não corrigir a criança, não exigir fala correta, não interrompê-la, não rotulá-la chamando-a de “gaga” e não fazer com que ela se sinta mal falante e apresente uma auto-estima baixa.

O outro subtema dentro da Comunicação Humana foi a:

3.2 MOTRICIDADE ORAL

Neste subtema optamos por destacar o que os sujeitos/alunos sabiam antes e após o curso, sobre os hábitos orais nocivos mediante a questão 4: **“Para a aquisição e desenvolvimento de fala e linguagem, o sistema motor oral deve estar adequado. O que leva um distúrbio muscular dos órgãos fonoarticulatórios (lábios, língua, bochechas**

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

palato e dentes) e a inadequação das funções neurovegetativas (sucção, mastigação, deglutição, respiração e fonação)?” Podemos observar isso nas enunciações a seguir:

ALUNO	ANTES	DEPOIS
F4	---	<i>“O uso da chupeta e da mamadeira prolongados, a sucção digital, a onicofagia, o bruxismo e a deglutição atípica levam a um distúrbio muscular e inadequação da respiração, mastigação deglutição e fonação.”</i>
M4	<i>“Chupar chupeta, mamar na mamadeira e chupar dedo.”</i>	<i>“A sustentação de queixo, colocar a mão debaixo do travesseiro (dormindo de forma incorreta), respiração oral, uso da mamadeira tardiamente, pode levar a um distúrbio muscular dos órgãos fonoarticulatório e a inadequação das funções neurovegetativas.”</i>
N4	<i>“Não sei.”</i>	<i>“Deglutição atípica, respiração oral, ranger dentes e roer unhas.”</i>
Q4	<i>“Não sei, nunca ouvi falar.”</i>	<i>“Mordida aberta, respirar com a boca aberta, uso prolongado de chupeta e mamadeira, sustentação do queixo, posição inadequada do travesseiro.”</i>
Z4	<i>“O uso da chupeta por tempo prolongado a criança ficar com a boca aberta e às vezes, baba.”</i>	<i>“Uso incorreto da mamadeira, sucção de dedo, de lábio, de bochecha, posicionamento inadequado de língua, problemas de oclusão dentária.”</i>

A partir das colocações descritas acima antes do curso, a respeito dos hábitos orais nocivos, podemos observar que os sujeitos EM e Z4 tinham noção de alguns fatores que podem alterar os órgãos fonoarticulatórios e a inadequação das funções neurovegetativas.

Por outro lado, quatro sujeitos/alunos não responderam a essa questão, como F4, N4 e Q4. Isso evidencia o que Collares e Moysés (1996) discutem que na formação do educador há pouco espaço para a discussão de áreas afins.

O processo de aprendizagem depende do desenvolvimento biopsicosocial e a partir desta visão global do indivíduo é que há necessidade de conhecimento de várias áreas para lidar com o ser cognoscente, racional, social, afetivo, e volitivo, que é a criança.

Portanto, para a aquisição e desenvolvimento de fala e linguagem, os órgãos fonoarticulatórios que compreendem os lábios, língua, bochechas, palato e dentes devem estar adequados (SANTOS, 1998).

Conforme Gomes (1985) e Hanson e Barret (1995), o uso da chupeta e/ou mamadeira por longo tempo, a onicofagia (roer unha), o bruxismo (ranger dentes) e a sucção digital podem levar a um desequilíbrio muscular dos órgãos fonoarticulatórios e a inadequação das funções neurovegetativas, causando o sigmatismo anterior ou ceceio

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

(projeção da língua entre os dentes anteriores nos fonemas sibilantes /s/ e /z/); mordida aberta (alteração na arcada dentária); deglutição atípica (posicionamento inadequado da língua, isto é, interposição lingual durante a deglutição); distúrbio articulatorio (alteração na produção da fala) e respiração oral (substituição do padrão correto de respiração, que é nasal, por um padrão incorreto, bucal). Tendo como consequência vários fatores, inclusive o baixo rendimento escolar.

O outro subtema desta pesquisa é a Voz.

3.3 VOZ

Neste subtema optamos por destacar o que os sujeitos/alunos responderam sobre voz, uma vez que a voz é instrumento de trabalho do professor. Vejamos a seguir as respostas para a questão 5: **“A voz é instrumento de trabalho do professor. Como cuidar dela?”**

ALUNO	ANTES	DEPOIS
J5	---	<i>“Fazendo exercícios de aquecimento e desaquecimento vocal, tomando muita água, evitando café, o fumo, bebida alcoólica e não gritando.”</i>
O5	<i>“Fazendo gargarejo e usando partilha ou mel quando estiver rouco.”</i>	<i>“Tomar água, ingerir sucos de frutas cítricas, não gritar e fazer higiene vocal e comer maçã todos os dias.”</i>
U5	<i>“Usar romã, própolis e falar baixo.”</i>	<i>“Não apagar a lousa de modo inadequado espalhando o pó de giz, não comer derivados de leite antes da aula, etc.”</i>
V5	<i>“Devemos usar gengibre quando estiver com a voz rouca e se não melhorar tem que procurar um médico.”</i>	<i>“Não competir com ruído, não comer chocolate, não tomar café antes da exposição vocal, deve dormir bem, alimentar adequadamente e fazer higiene vocal.”</i>

Partindo das colocações descritas acima, antes do curso, os enunciados revelam, de acordo com a literatura, uma falta de conhecimento mais aprofundado sobre a voz, quer no aspecto sobre saúde vocal, quer na necessidade de uma voz mais adequada para o exercício da docência nas séries iniciais.

Podemos observar que a maioria dos alunos/sujeitos desconhece as suas condições de produção vocal, provavelmente por falta de informação durante a formação inicial e de assessoria na admissão profissional ou da sua atuação profissional.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Sendo a voz, carregada de informações pela vibração e intensidade e tão importante na ação pedagógica, é gratificante observar a riqueza de informações nas enunciações descritas após o curso, e perceber o quanto os alunos/sujeitos careciam dessas informações e orientações.

Dentro do processo pedagógico, as relações linguísticas, expressivas e comunicativas, são construídas, tornando o professor um profissional da voz. Portanto, de acordo com Behlau (1987), a viabilização do trabalho do professor depende da voz. Dessa forma, a voz é um dos instrumentos geradores de conhecimento e condutores do saber. Uma vez alterada a qualidade vocal do professor, seu desempenho na sala de aula estará comprometido e conseqüentemente, influenciando no processo ensino e aprendizagem.

A audição é outro subtema do núcleo de sentido Comunicação Humana.

3.4.AUDIÇÃO

Neste subtema optamos por destacar o que os alunos/sujeitos sabiam sobre a audição central, e o que aprenderam após o curso de extensão. O que podemos observar nas enunciações a seguir, para a questão 6: **“Meu aluno apresenta distúrbio do processamento auditivo. Como posso ajudá-lo?”**

ALUNO	ANTES	DEPOIS
D6	“Não sei.”	“Falar de frente com ele, olhar e tocar nele sempre que possível, escrever a palavra chave na lousa, usar metodologias diferentes para chamar atenção do aluno, etc.”
F6	“Falar olhando para o aluno para que ele possa ler os lábios do professor.”	“Colocar o aluno sentado na frente e falar olhando para o mesmo de maneira clara, objetiva, articulando bem as palavras e usando frases simples.”
J6	“Encaminhar para a fonoaudiólogo”	“O aluno deverá ficar no máximo três metros de distância do professor, deve falar com ele sempre de frente, certificando se o mesmo entendeu.”
N6	---	“Colocando a criança na frente, certificando se a mesma está entendendo, minimizando barulhos e estímulos visuais, buscando facilitar o processo da atenção seletiva e melhorando a acústica da sala, etc.”

Observando e analisando as enunciações dos sujeitos, neste subtema, evidenciou-se a confusão entre os conceitos de audição periférica e audição central.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

De acordo com Pereira (1997), os distúrbios da audição podem envolver dois aspectos: periférico e central. As alterações periféricas influenciam na acuidade auditiva (o quanto o indivíduo escuta) e os distúrbios do processamento auditivo envolvem o processo de analisar e interpretar a mensagem sonora. Indivíduos com desordem do processamento auditivo podem apresentar uma ou mais das seguintes manifestações: comportamento agitado, desatenção, trocas fonoarticulatórias, trocas grafêmicas, não compreensão de enunciados, memória prejudicada, dificuldade em atenção seletiva, entre outras. O processamento auditivo é um dos fatores que podem interferir no aprendizado da leitura e escrita. No caso de haver uma criança na sala de aula com qualquer uma dessas características, o professor deverá encaminhá-la para avaliação do processamento auditivo e a seguir, em sala de aula, tomar as condutas mencionadas acima, pelos sujeitos/alunos após o curso.

De modo geral, os alunos/sujeitos da pesquisa apresentaram conhecimentos básicos sobre a comunicação humana após o curso de extensão. O conhecimento permite ao sujeito tomar decisões nas quais ele se sente suficientemente seguro para tal. Uma das demonstrações deste conhecimento é a escrita. Os resultados apontam para uma correlação positiva entre as aulas ministradas e os conhecimentos adquiridos, durante o curso de extensão.

Resumindo, esse curso, teve como meta, levar os discentes de Pedagogia a entender um pouco mais o que acontece com a fala, a linguagem, a audição e a voz das crianças, isto é, o que é esperado para cada faixa etária e o que é patológico e que necessita de um encaminhamento.

É importante ressaltar que, tivemos a preocupação de não tornar o curso puramente teórica, com mera transmissão de conhecimentos e subsídios fonoaudiológicos, mas sim, de proporcionar momentos de reflexões com a participação de todos, trocando experiências, adquirindo conhecimentos, buscando entender a criança, e conseqüentemente, facilitando o seu aprendizado e favorecendo a relação escola/família/criança.

Cabe relatar, que todas as atividades propostas no decorrer do curso foram bem aceitas. Houve participação ativa da maioria dos alunos e um interesse muito grande por tudo que era proposto.

Gostaríamos por outro lado, de estar apontando algumas variáveis significativas que dizem respeito ao acúmulo e a rapidez com que as informações foram passadas em função

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

do tempo em que o curso foi ministrado. Pudemos perceber que poderíamos ter aprofundado mais quanto aos aspectos ortográficos e vocais, por exemplo, se tivéssemos uma carga horária maior.

Esse relato de experiência pretende mostrar o quanto que os aspectos fonoaudiológicos são importantes no processo ensino e aprendizagem aplicados na formação inicial do professor da educação infantil e ensino fundamental.

Enfim, relatar um pouco de nossa atuação junto aos alunos do Curso de Pedagogia, representa uma tarefa de reflexão e estímulo para continuarmos promovendo este trabalho interdisciplinar.

Salientamos a necessidade de outras pesquisas conjuntas com a Pedagogia, para enriquecer o trabalho escolar objetivando o processo ensino e aprendizagem, pois, a Fonoaudiologia tem muito a contribuir com Pedagogia e vice-versa.

Fica aqui registrada a importância da inserção de um programa de formação sobre a comunicação na matriz curricular dos cursos de Pedagogia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. R. F. Fases e níveis de prevenção em fonoaudiologia - ações coletivas e individuais. In: VIEIRA, R. M. et al. *Fonoaudiologia e saúde pública*. Carapicuíba: Pró-fono, 1995.

AZEVEDO, M. F. de et al. Avaliação do processamento auditivo central: identificação de crianças de risco para alteração de linguagem e aprendizado durante o primeiro ano de vida. In: MARCHEZAN, Irene Q. e outros Org. *Tópicos em fonoaudiologia*. São Paulo: Lovise, v. 2. cap. 34. p. 447-462., 1995.

BARBOSA, L. M. G. *Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento*. Carapicuíba: Pró-fono, 1998.

BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. 7. ed. São Paulo: Artes Médicas, 1996.

BEHLAU, M. S.; GONÇALVES M. R. Considerações sobre a disfonia infantil. In: FERREIRA, L. M. (Org.) *Trabalhando a voz*. São Paulo: Summus, 1987. p. 99-107.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 3. ed., São Paulo: Cortez, 1998.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. São Paulo: Cortez, 1996.

DELORS, Jacques et al. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI 8 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GIROTO, C. R. M. *Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola*. São Paulo: Plexus, 1999.

GOMES, I. C. D. Avaliação e terapia da motricidade oral. In: FERREIRA, L. P. *Temas de Fonoaudiologia*. São Paulo: Loyola, 1985.

GOMES, R. Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. et al. *Pesquisa social, teoria, metodologia e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HANSON, M. L.; BERRET, R. H. *Fundamentos da miologia orofacial*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1995.

LACERDA, C. B. F. et al. Repensando a fonoaudiologia educacional através da prática em instituições educacionais de Campinas. In: FERREIRA, L. P. *O fonoaudiólogo e a escola*. São Paulo: Summus, 1991.

LAGROTTA, M. G. M.; CÉSAR, C. P. H. A. R. *A fonoaudiologia nas instituições*. São Paulo: Lovise, 1997.

LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Tradução de Lechtenstein D. N. e Cardoso, M. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PEREIRA, L. D. Identificação de desordem do processamento auditivo central através da observação comportamental: organização de procedimentos padronizados. In: SCHOCHAT, E. *Processamento auditivo*. São Paulo: Lovise, v. 2, cap. 2, p. 43-56, 1996.

PEREIRA, L. D. Avaliação do processamento auditivo central. In: LOPES FILHO, O. *Tratado de fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 1997. Cap. 5.

PIAGET, J. *A linguagem e o pensamento da criança*. Trad. Manuel Campos. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

PIRES, Marília F. C. Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade no ensino. In: *Revista Interface*, p. 173-179, fevereiro, 1998.

ROCHA, E. M. N. Disfluência e gagueira. In: KUDO, A. M. *Fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional em pediatria*. São Paulo: Sarvier, 1990.

SANTOS, R. M. Reincidência de desvio fonológico na escrita de crianças. In: MARCHESAN, I. Q. et al. (Org.) *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Lovise, 1998. v. IV.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

VIGOTSKY, S. V. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZORZI, J. L. Diferenciando alterações da fala e da linguagem. In: MARCHESAN, I. Q. *Fundamentos em Fonoaudiologia: aspectos clínicos da motricidade oral*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

ANEXO – A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Goiânia, de de 2010.

Prezado (a) discente,

Vimos por meio desta, apresentar a fonoaudióloga e aluna extraordinária do Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) Doutorado em Educação da PUC Goiás, Mônica Pereira de Oliveira, que está realizando trabalho científico, com o objetivo de transmitir conhecimentos específicos da área fonoaudiológica esclarecendo e orientando o discente do Curso de Pedagogia quanto à comunicação humana e seus possíveis distúrbios.

Os procedimentos realizados serão: um questionário que consistirá de 6 perguntas abertas e um curso de extensão com a carga horária de 20 horas/aulas, ministrado pela pesquisadora através de aulas expositivas e práticas, leitura de material previamente programado, exercícios em grupos e seminários, no período de julho a agosto de 2010.

Fica aos sujeitos, a escolha livre para aceitar ou não a participação neste trabalho, após esclarecimento dos objetivos e procedimentos dos mesmos.

Os dados coletados, com vistas futuras para discussão, serão de uso exclusivo para o referido trabalho, garantindo o sigilo desses dados a privacidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Somente terá acesso aos dados, a aluna extraordinária que está desenvolvendo a pesquisa.

Todo o trabalho será feito em conformidade com os padrões éticos da Faculdade. Atenta a ética a aos princípios que regem as normas para a pesquisa com seres humanos, conforme Resolução n. 196/90.

Esperamos contar com sua atenção e colaboração, desde já agradece.

Atenciosamente,

Mônica Pereira de Oliveira

Ciente:

CPF:

ANEXO – B

QUESTIONÁRIO DE AVERIGUAÇÃO

- 1 Quais os distúrbios da comunicação podem ser observados em alunos na sala de aula?
- 2 Todos nós sabemos que ao aprender a falar a criança apresenta erros de pronúncia e articulação, pois dessa maneira, vai se aprimorando até chegar ao modelo adulto de fala. Portanto devemos preocupar se:
 - Aos três anos de idade a criança...
 - Após os sete anos...
- 3 Qual seria a melhor conduta do professor, no caso deste ter um aluno com alterações no ritmo e fluência de fala (gagueira) na sala de aula?
- 4 Para a aquisição e desenvolvimento de fala e linguagem, o sistema motor oral deve estar adequado. O que leva um distúrbio muscular dos órgãos fonoarticulatórios e a inadequação das funções neurovegetativas?
- 5 A voz é instrumento de trabalho do professor. Como cuidar dela?
- 6 Meu aluno apresenta distúrbio do processamento auditivo. Como posso ajudá-lo?

ANEXO – C

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- 1 Conceituação de fonoaudiologia; competência e atuação do fonoaudiólogo e a relação Fonoaudiologia /Pedagogia.
- 2 Audição periférica e central .
- 3 Aquisição e desenvolvimento de fala e de linguagem.
- 4 Leitura e escrita.
- 5 Voz - saúde vocal do professor.
- 6 Patologias mais comuns:
 - 6.1 Retardo de linguagem.
 - 6.2 Distúrbio articulatorio.
 - 6.3 Sigmatismo anterior.
 - 6.4 Gagueira.
 - 6.5 Distúrbio de leitura e escrita - dislexia, disgrafia e disortografia.
 - 6.6 Disfonia infantil.
 - 6.7 Respirador oral.
 - 6.8 Deglutição atípica.
 - 6.9 Hábitos bucais nocivos.
 - 6.10 Deficiência auditiva.
- 7 Encaminhamentos para profissionais afins (como, por que, para que e para quem encaminhar).
- 8 Dinâmicas e estimulação fonoaudiológica através de atividades lúdicas.